Entrevista Fernando* – Parte 1

P = Pesquisador

E = Entrevistado

*pseudônimo

P – Gostaria que você começasse me contando um pouca da sua trajetória profissional...

E – Eu servi 35 anos na Brigada. Sempre na área operacional. O que a gente chama de operacional é vinculada à atividade-fim. Embora tenha passado pela parte de logística também, parte de orçamento... ultimamente eu trabalhava com orçamento. Era melhor ter ficado na parte operacional (risadas). Era mais fácil. Que horror. Mas eu trabalhei no Centro de Operações, envolvido mais diretamente com tecnologia eu servi 4 anos no Centro de Operações da Brigada, no CIOSP, que hoje é o Departamento de Comando e Controle Integrado, vinculado à secretaria mesmo. Até tem uma questão legal envolvendo esse serviço... que é um serviço de exclusividade... o Fábio... comandante... o Centro de Inteligência é exclusivo da polícia. E agora é vinculado à secretaria. Então tem uma questão legal que envolve isso, mas enfim... quando eu servi era uma unidade da Brigada. No centro de operações, depois dali eu fui pro comando rodoviário. Como eu te falei, tem uma questão orçamentária um pouco melhor. Daí a gente pode implementar melhorias de tecnologia, de equipamento, de melhoria, enfim, aí funciona. Na Copa do Mundo eu trabalhei diretamente envolvido com essa questão de movimentos sociais. Fui escolhido a pedido do próprio Fábio, que me escolheu, porque a gente previa problemas com isso. E a relação entre a Brigada, a polícia ostensiva e os movimentos sociais... ela tem uma história conflituada por natureza. Ponto. Vamos combinar que tem excessos às vezes dos dois lados. Mas enfim, eu não tive problema, porque eu acredito que se tu conversar não tem problema. Ponto. Entende? Eu acho que se estabelece um problema quando tu não conversa. Quando tu não vai pro cara e diz pro cara "é o seguinte: isso dá e isso não dá". Ponto. Claro que eventualmente alguém vai né... a gente entende, mas via de regra nós não tivemos problema aqui em Porto Alegre nessa época. Por conceito. Ponto. Depois dali eu servi o departamento administrativo da corporação, que aí eu comecei a lidar com orçamento. E por último na secretaria de segurança pública, também na parte de orçamento. Então acho que assim resumidamente... foram esses os 35 anos mais ou menos (risos).

P – Beleza. No centro de operações você trabalhou em que período?

E – De 2004 a 2008. Foram 4 anos. Na época da implementação da solução que hoje tem... sei lá, solução... uma forma de trabalho que era o videomonitoramento. Começou ali né. Eu comecei com 40 e poucas câmeras. Hoje tem centenas, dentre outras ferramentas que a gente usava lá, porque o centro de operações é herdeiro do antigo TAI, que era o... também usava uma tecnologia... isso... é que esses sistemas assim envolvidos tecnologias de segurança púbica para atendimento ao cidadão começou em 2000, quando o governo do Estado implementou o antigo TAI, que é o Teleatendimento Integrado. Que era um centro que a Brigada sempre teve. As polícias, a Brigada, Polícia Civil, os Bombeiros, a SAMU sempre tiveram esses serviços de emergência ao cidadão. Eles sempre tiveram centros separados. Então vou te dar um exemplo... quando tu atendia um acidente de trânsito que tinha vítimas por exemplo. Feridos ou mortos, enfim. Via de regra a gente chegava primeiro. A Brigada, a polícia ostensiva chega primeiro. E aí tu tem que... dali do local nós tínhamos que ligar pra SAMU, tinha que ligar pra Polícia Civil pra

pedir pros caras virem fazer a requisição pra perícia na época. Eventualmente tinha que chamar os bombeiros. Então o negócio era fragmentado, entendeu? Tu não... cada um criava um fato, um histórico vamos chamar assim... compartimentado. E se tu eventualmente precisasse de uma informação de uma certidão, dependendo do tipo tu não sabia onde é que é que tu tinha que ir fazer. Obviamente o governo do Estado na época adotou a solução "não, vamos centralizar essas coisas assim... colocar tudo no mesmo lugar... a Brigada e a Polícia Civil, o Instituto Geral de Perícias, os Bombeiros e até a SAMU na época se queria. Olha, tchê, eu sou obrigado a te dizer que a resistência foi cruel. Por razões históricas. Nunca tinham trabalhado... por exemplo, historicamente... hoje tu não encontra isso. Hoje se tu falar pras pessoas... tenho amigos que.. delegados, gente na polícia civil... gente... se tu falar que no passado a Brigada e a Polícia Civil não se davam os caras não acreditam. Mas eu peguei esse tempo cara. Eu me lembro, no começo da carreira era difícil. Então tu imagina a dificuldade que foi colocar essas pessoas para trabalhar junto na época. Então, claro que isso não era estimulado institucionalmente, mas tinha problemas localizados em pessoas eventualmente. E essas pessoas reproduziam uma pseudo-verdade, que era um negócio que não era realidade. Como é que duas polícias vão brigar, entendeu? Isso não tem cabimento. Hoje, se tu falar pros policiais... pessoal da Brigada, Polícia Civil... os caras não acreditam. As pessoas "não... como assim?" Por que hoje não tem esse problema. Então como a ideia foi colocada? No mesmo ambiente e criar um fato único. Então quando a pessoa ligava se criava uma linha de tempo, um histórico para todo mundo. Isso demorou... para funcionar bem demorou uns dois anos na época. Porque tu tem que quebrar cultura, tu tem que fazer as pessoas colaborarem para funcionar. E não tem nada melhor... a delegada que começou isso... o nome dela é Vandi... na época, que eu fui o primeiro chefe do Centro de Operações... e ela era casada com um oficial da Brigada. E eu conhecia o marido dela. Eu tinha servido com o marido dela casualmente. Conhecia ela, porque ela era inspetora e fez concurso para delegada. Aí eu disse: "Vandi, nós não podemos... assim... nós até podemos ter diferenças com relação ao atendimento de alguma coisa, mas nós não podemos brigar, porque se nós dois brigar aqui os caras vão brigar também". Cara, então a gente venceu resistências, colocou as pessoas para trabalhar no mesmo ambiente. Ela que dizia isso. Ela dizia assim "mas Major, se a gente botar os caras para trabalhar no mesmo ambiente tomando o mesmo cafezinho tem nenhum problema". E é verdade. E é verdade. O único órgão que ainda não se agregou ao serviço de emergência, que deveria a meu juízo, é a SAMU. E eles precisam, sabe? Eles precisam, porque o protocolo deles... eles têm um protocolo próprio de atendimento, de seleção e tal. Mas eles têm muita dificuldade no que tange a um sistema bom... a um padrão de atendimento. Eu acho que tem negociação para fazer isso, mas até hoje não conseguiram. O sonho nosso é colocar a SAMU junto com o serviço de emergência hoje que é integrado da Brigada, Polícia Civil, os Bombeiros e o IGP. O IGP por exemplo tinha que... para ter uma ideia tu tinha que comparecer no local do fato, pedir que viesse um delegado ou um agente da Polícia Civil, aí o agente da Polícia Civil saía dali e ia na delegacia fazer um ofício. E levava no Instituto Geral de Perícias para pedir para que viesse o perito fazer perícia. Sabe? Isso nos anos 90... até os anos 90. Final dos anos 90. E enquanto isso estava lá o corpo estirado no chão esperando para ser recolhido. Tu não pode recolher antes da perícia. Então tu ficava ali... cara, não foi uma nem duas vezes que se aguardava... hoje quando a perícia... às vezes tem muita perícia para fazer já que eles estão... quando a perícia demorar assim... uma hora e meia não é muito. Quando eu cheguei eu cheguei a ficar esperando 12hs por uma perícia no local. Tu imagina? A família da vítima. Então hoje é uma... o que ajudaria mais é o pessoal da SAMU, mas em síntese, em suma, respondendo à tua pergunta... a primeira forma de tecnologia foi criar um sistema... um programa, um aplicativo que juntasse todas essas informações de todo mundo. Então a gente coloca tudo numa pasta que se chama... um número, um protocolo. Fica tudo

arquivado lá. Tudo o que a Brigada fez, tudo o que a Polícia Civil fez e todos enxergam o que todos fazem. Não sei se tu já foi no Centro de Operações da Brigada...

P – Da Brigada não.

E – É um ambiente que se tu está ali... se eu sou um atendente, um despachante que a gente chama assim... o atendente é a pessoa que recebe o telefonema. Ela entrevista a pessoa ali e cria um fato. Decide se aquilo é uma ocorrência ou não, cria um fato e manda pro despachante. O despachante é uma outra pessoa que lê o fato e ele tem acesso ao rádio que se comunica com os veículos por área da cidade. Então a cidade é dividida em áreas. Cada uma tem um despachante para um número x de veículos. Ele recebe e daí diz oh... ele vê o que tem disponível e diz "oh, vai lá, o fato é tal e tal". Essas pessoas todas... esses dois mais o agente da polícia civil, mais o bombeiro e mais o pessoal do IGP, se precisar de perícia ele direciona no sistema pra perícia. O cara lê e coloca ali. Ou seja, e lá no fim, depois que todo mundo fez o que tinha que fazer, o supervisor, depois que foi encerrado por todo mundo... cada um encerra a sua parte... e vai com o supervisor, que é um oficial da Brigada, e um delegado de polícia. Cada um na sua parte. Eles leem, veem se está tudo certo e "validam", que a gente chama. Quando tu valida, essa ocorrência fica acessível para qualquer um. Tu entra no sistema e tira uma certidão... enfim, ela começa a contar para essa estatística que eu estou te falando. O primeiro passo foi esse. Depois vieram outros, que é câmera de videomonitoramento, enfim.

P – Então pelo que eu entendi o objetivo central era criar essa ideia de integração...

E – Sim, que persiste até hoje. Felizmente.

P – E você falou um pouco das tecnologias... tem como você descrever quais eram as tecnologias que funcionavam à época e que você sabe que continuam funcionando?

E – Sim. Hoje tem assim, além do sistema que já é único... eventualmente ele muda o nome. O aplicativo ele sofre melhoras, vamos chamar assim. Ele adquire funcionalidades, mapas melhores... ele sofre upgrades sistemáticos. Esse sistema é do Estado, é da PROCERGS lá. Ele é mantido pela PROCERGS. **Criado e mantido pela PROCERGS**. Tem o **videomonitoramento**, que é um sistema que começou em 2004. Outubro de 2004 mais ou menos. Que ele... agregado ao videomonitoramento tem o **sistema de reconhecimento facial e de placas... ACR** que a gente chama. Então um exemplo: se tu tem o veículo furtado ou roubado, tu coloca a placa do veículo. Esse sistema foi concebido para segurança em aeroportos, para reconhecimento de terrorista e tal. Então se tu entrou na lista dos terroristas lá, se tu passar no aeroporto e a câmera te reconhecer ela vai dizer "oh, o Eduardo está no check-in do aeroporto da Finlândia". A polícia fica sabendo. Esse cara aqui é aquele. Sabe? Ele foi concebido para isso. Aí tu transporta... para soluções de segurança pública... ele chegou a funcionar o ACR acho que por um ano. Agora o governo do Estado está tentando reativá-lo novamente para pessoas. Para veículo ele já funciona. Então se tu tem uma placa, se o veículo passar por uma das câmeras que está programada para fazer isso, quando ele passar ele vai dizer "oh, o veículo tal está em tal lugar". Porque é assim que funciona por exemplos os... tem alguns radares de fiscalização que funcionam assim também. Quando eu trabalhei na rodoviária tinha. O radar ele lê a placa. Ele além de visualizar e fotografar se o cara estiver em excesso de velocidade, ele lê, compara com o banco de dados para ver se tem IPVA atrasado, se foi roubado, se tem alguma multa não paga. Então basicamente é isso. Isso tinha no videomonitoramento. Tem... usando isso pode fazer o que as pessoas chamam hoje de "**cerca eletrônica**", vamos chamar assim. Que que é uma cerca eletrônica? Cerca eletrônica é um conjunto de câmeras num determinado local que vai fazer determinada coisa. Em tese, sem a presença humana. A câmera é bom... só que ela precisa

também... ela tem uma outra vantagem as câmeras que é preservar a prova. Eventualmente a gente não consegue chegar a tempo ou até chega um pouco depois, mas tu não viu o fato. O policial de fato não viu. Eventualmente as câmeras gravam centenas de furtos que nem a vítima percebe. Isso aconteceu várias vezes. Ataca uma bolsa... e os observadores do videomonitoramento são pessoas que trabalharam há muito tempo. Eles sabem. O cara abre a bolsa da pessoa, tira a carteira, devolve e a pessoa não vê, não percebe. Se a câmera viu, ela avisa... avisa alguém que vai lá. Nem a vítima sabe. E aí tu consegue, se tiver uma sequência de câmeras, nós já presenciamos um fato aqui. O suspeito foi preso aqui. A vítima foi... estava em outro lugar. Tem que juntar tudo. Só a câmera. Só um sistema de videomonitoramento faz isso. Porque eventualmente acontecia de a gente prender suspeitos. Pega um cara, com uma sacola, com 10 carteiras, cada uma de uma pessoa... alguém que tu já sabe que é um ladrão contumaz... é óbvio que ele furtou. Só que se tu não tem a representação dessas pessoas ou a queixa dessas pessoas tu não pode fazer nada. Apreende os objetos e é isso. E a câmera facilita, porque tu junta tudo. Forma prova e tal. Deixa eu ver que mais deixa eu me lembrar. Câmera... tinha o **GPS para veículos**. Que o GPS é um complemento para o sistema de... para quem vai controlar o veículo.. que como a cidade é dividida em pedaços. Vou dar um exemplo: aqui nós estamos no primeiro batalhão. Da Ipiranga para lá é ali no... não sei... aqui dá duas ruas. Sem o GPS eu posso ter uma viatura aqui na frente... vou dar um exemplo: eu tenho uma viatura aqui na frente, um carro. E ali na Getúlio dá um roubo por exemplo. Um fato. Só que o veículos daquela unidade que está mais perto está lá no centro. Eu tenho um aqui, que está a três quadras. Se o operador não tiver um GPS, se ele não souber onde é que as pessoas estão, ele vai mandar aquela lá, que vai chegar 15 minutos depois. Essa aqui chega em dois. Então o GPS, que é integrado com o sistema de atendimento, ele ajuda nisso também. Aí tem... isso... só que tudo isso tem problema de orçamento. Porque isso não é barato. Nada disso é barato. Principalmente aqui no Brasil. A implantação, por exemplo, de uma câmera... para implantar uma câmera de videomonitoramento na rua... primeiro que não é qualquer câmera. Tem que ser uma cÂmera com uma especificação tal para poder armazenar imagens, tem... a taxa de atualização da câmera tem que ser em tempo real, não pode ser uma câmera... uma webcam, entendeu? Tem que ser uma cÂmera profissional. Digital. Assim, na época... não sei quanto é hoje... mas uma câmera na época, incluindo poste de fixação de energia e tudo, o custo de fixação era quase 50 mil. Tudo. Depois tem o custo de manutenção. Mas a implementação 50 mil cada câmera. Então isso às vezes tem restrições orçamentárias, até para tu implementar um negócio desses.

P – E uma dúvida que eu tenho: esse histórico de gastos com tecnologia fica em algum.. eu tenho acesso a esse...

E – Sim, ao orçamento do Estado. Os orçamentos das corporações e do Estado. Qual é a informação que tu queria?

P – Por exemplo, ah em tal ano quanto foi gasto com câmeras de vigilância em Porto Alegre?

E – Tu pede isso na... tu pode pedir na... dependendo da informação tu pede pra Secretaria de Segurança Pública. No setor onde eu trabalhava. Dependendo da informação, se ela for uma informação de uma tecnologia ou de um aplicativo que só uma corporação tem, lá eles vão te dizer “olha, lá na civil tu fala com fulano”. Mas via de regra a gente lá sabia de todas as informações. É na própria secretaria, tá? É o setor de planejamento da secretaria. Na verdade é o departamento de Orçamento, Gestão e Finanças.

P - E quais eram as áreas centrais em que vocês atuavam? Se puder mapear... Você falar por exemplo da questão dos veículos. Os resultados eram mais vinculados a que tipo de ocorrência?

E – A câmera ela flagra de tudo. Mas ela mais ajuda em furto. Furto da pedestre. Roubo a pedestre. Furto e roubo de veículo. Agressões. Acidente de trânsito. Bah, flagrava muito acidente de trânsito. Naquela lomba da Ipiranga tem vários. Eventualmente ela ajuda a forma prova num acidente de trânsito, que é algo que... o acidente via de regra... o chamado acidente... as vítimas não se lembram, porque o cara sofreu um acidente grava, perde a consciência e não sabe nada. Ou mente. Então ela... esses fatos são os que mais... no caso da câmera, ela se envolve. Também tem... a prefeitura através do Centro... a prefeitura tem um centro também com câmeras para os bens e patrimônios da prefeitura. Me parece que eles fizeram... eles têm um bom cercamento do parque Redenção. Então ela ajuda assim... com o tempo tu mais ou menos conhece a rotina do lugar. Quando você tem um conjunto de câmeras. Qualquer coisa da rotina te chama a atenção quando você está observando. E aí começa a cuidar o sujeito, porque tu pode... a câmera é móvel. Tu começa a cuidar o cara. Quando ele fizer alguma coisa tu tem prova em primeiro lugar. Daí tu pode provar que foi ele que fez. E ai tu diz para alguém "oh vai lá e pega...". Às vezes a gente não consegue pegar, mas aí tu tem prova. Tu pega aquela imagem... vamos supor que a gente... qual é o proceder para quando a gente não tem... não consegue chegar no lugar? Aquela imagem a gente tenta... se tu tem... porque com o tempo... o que acontece? A gente vai criando arquivos de pessoas. Os furtos por exemplo e roubos eles obedecem um padrão de lugar. Então se o cara rouba carro... o cara que rouba carro ele não tem... assim oh... não tem dois ladrões que roubam no mesmo lugar. Parece incrível. É, cara. Então quem furta e rouba naquele lugar são sempre os mesmos. Então quando acontece um furto e tu já tem um histórico passado... com prisões ou não... e acontece um que tu não conseguiu pegar a imagem... tu vê que é a mesma pessoa. Daí tu olha essa história, a partir de representação criminal, tu junta a imagem e o histórico, manda pra promotoria e o cara é denunciado e mesmo que nós não flagremos o fato na hora, ele responde e eventualmente é condenado. Porque ele foi reconhecido. Tu tem imagens anteriores. Tu tem daquele dia. É a mesma pessoa.

P – E vocês tem cursos, alguma espécie de capacitação para trabalhar com as tecnologias? Para quem vai operar.

E – Sim. O sistema do 190... pegando assim o aplicativo geral, tá? Tem um treinamento que... tem um curso... tem dois cursos que foram... a gente concebeu o programa de curso deles em 2005 ou 6. Eu não estou lembrado. Acho que foi concebido em 2005 e implementado em 2006. Então tem... o departamento de ensino internamente tem o curso de atendente de 190. É um curso. Se não me engano são duas semanas. Com 10hs/aula por dia, porque não é todo mundo que pode trabalhar no 190. Não é todo mundo que pode.. que tem o perfil para atender o telefone. E tirar informações adequadamente sem se envolver assim até emocionalmente. Tem uma professora... o nome dela é Márcia Neocorowski (?)... se você procurar o trabalho dela, ela fez uma tese de doutorado que começou em 2006 e terminou em 2009, eu acho, sobre o atendimento do 190 lá. Ela é da Unisinos, eu acho. Ela entrevistou todos os atendentes do 190 para descobrir... o trabalho dela era sobre qual é a expectativa... como é que se dá a conversa entre a pessoa que precisa do serviço de emergência e o atendente. Qual é a expectativa de um e de outro? Que eventualmente a gente tem problemas de relacionamento nessa expectativa, porque a pessoa liga com uma expectativa que não é a nossa. Vou te dar um exemplo: a pessoa liga e quer que a gente vá pegar um parente doente e levar no hospital. E aí tu diz pra pessoa: "olha, isso não é um serviço da polícia". Bah, tem gente que não aceita, cara. Sabe, então... então tem uma capacitação para o atendente, que descobre até se a pessoa tem perfil ou não, tem uma para despachante, a pessoa que lida com rádio e que precisa ter uma visão espacial. Enfim. E uma capacitação interna que eu acho de uma semana para o pessoal do

videomonitoramento. Para operar os sistemas e tal. Mas a seleção para trabalhar ali já... tu escolhe pessoas que conheçam bem o tipo de crime que acontece naquele lugar, enfim. Então basicamente é isso. Resumidamente é isso.

P – E já naquele tempo que você estava no CIOSP como se dava a relação no centro com movimentos sociais? Tinha alguma relação? Vocês atuavam por exemplo em eventos de protesto ou isso ainda não era...

E – Não, cara. Assim, essas... como vou dizer? Essa interação ela acontece muito mais por quem vai trabalhar. A Brigada é dividida... a gente é dividido assim então: cada pedaço da cidade tem um batalhão operacional tá? Primeiro, nono, aqui para trás são seis. Quando tu tem uma manifestação, um movimento social qualquer, que acontece mais na área do nono batalhão... eu trabalhei 10 anos lá, então é um inferno, cara. Então o comandante do 9º Batalhão... vou te dar um exemplo: quem mais lida com manifestação e movimentos sociais? O comando do 9º, que é o centro, o 1º aqui eventualmente, o 11º na zona norte. Mais é o 9º, que é o centro, que é onde eventualmente acontecem as coisas. O 9º batalhão e o batalhão de operações especiais, que normalmente lida com esse fato quando o nono pede ajuda. Então essas pessoas são os que buscam interagir com manifestações e tal. O Centro de Operações fica sabendo das decisões tomadas. A gente não... o centro de operações... como é que eu vou te dizer? Vamos... ele é um empregado dessas pessoas aqui pra parte operacional. A gente coloca todos os sistemas à disposição, mas a decisão final de como vai ser feito o trabalho não é do centro de operações. São essas pessoas aqui, porque elas detêm a responsabilidade de decidir o que fazer. A gente ajuda. O centro de operações ajuda, coloca tudo à disposição, mas quem vai definir o que que vai ser feito e o trato são os comandantes de unidades operacionais, que via de regra já conhecem as pessoas. Já se relacionam assim... ou eventualmente algum movimento da hora, mas via de regra quem faz o contato é quem... supondo que seja um movimento surpresa, inesperado: a gente descobre, porque alguém liga e diz “olha...”, aí a gente manda alguém lá pro Centro de Operações. Vai alguém. O primeiro que chegar vai dizer o que está acontecendo e tal. E aí conforme o caso quem vai interagir com esse movimento são essas pessoas aqui. Então é exatamente o centro de operações que te facilita. Então é compartimentado assim.

P – E você disse que trabalhou na Copa do Mundo. Qual que era a sua função exatamente?

E – Era comandante de tudo (risos). Assim, para trabalhar na Copa do Mundo a Brigada se estruturou em duas unidades. Especificamente para a Copa do Mundo. Além dessas que já tem, foram criados para a Copa duas: o Padrão Copa, que se chama, se chamou, que era o pessoal que faria complemento... faria o policiamento ostensivo em tudo que é lugar que tivesse evento... o policiamento. Todo mundo que tu viu a cavalo, de viatura e tal era vinculado ao Copa, Padrão Copa. Tinha 1300 homens. Tinha um comandante nomeado temporariamente, um coronel também, um outro coronel, que lidou com isso. Então o pessoal fazia o policiamento aonde quer que precisasse fazer. E o outro foi o chamado BEPE. O BEPE foi uma operação criada – Batalhão Especial de Pronto Emprego. Se juntou... a Brigada tem 3 batalhões de operações especiais: um em Porto Alegre, um em Santa Maria e um em Passo Fundo. Se juntou os 3 e se fez um único Batalhão. Com 1000 e... um pouco menos de 1100. Cada um desses... cada uma dessas unidades veio completa, com tudo. Cada um tem um comandante. Santa Maria e Passo Fundo é o Major e Porto Alegre é um tenente-coronel. Então o coronel é o coronel... eu fui nomeado comandante dessa unidade. Juntou os 3, a gente trabalhava... aí lidava com, se precisasse, movimentos sociais. Porque a gente previa problemas que ocorrem e tal (risos). Então isso podia interferir na programação... a prefeitura fez o caminho do gol... aquele negócio. Então a ideia era, na hipótese, que a gente tinha passado pela experiência de 2013... que eu até

não estava aqui. Eu estava de férias. Eu trabalhava na Rodoviária. E eu tirei férias e viajei até pra fora do país. E eu acompanhava pela Internet e tal e dizia "bom, o que tá acontecendo?". E depois me relataram quando eu voltei que foi um negócio... foi cruel. Para ti ter uma ideia nós... a polícia... o Estado todo foi pego... toda a organização pública, ela foi pega de surpresa. Porque foi algo meio espontâneo assim, meio... então para tu ter uma ideia, cara... nós ficamos sem... porque a gente, quando tu lida com movimentos sociais, primeiro: é conversa. A gente tem o que a gente chama de escalada de uso da força. Tu não chega dando tiro em ninguém. Embora você tenha... essas coisas eventualmente assim você sabe que acontece nos outros lugares. E pode acontecer dependendo do tipo de treinamento e disposição que as pessoas têm. Todo mundo... tem episódios que, se tu colocar uma grupo de pessoas mal treinadas e mal equipadas para lidar com movimento social, dependendo do movimento e dependendo dá problema. Porque se o sujeito... vou te dar um exemplo: se tu não tem o escudo e o capacete e o cara atirar uma pedra, o cara... ele se sente desprotegido. Se ele tiver uma arma ele vai querer usar. É uma reação natural do ser humano. Bom, todo mundo se defende com o que tiver. E aí se tu colocar alguém mal equipado, mal treinado e não disciplinado até para... como é que eu vou te dizer? Tem determinadas coisas que fazem parte do sistema. Tu não pode reagir por exemplo a um... a até uma pedra com um tiro de arma de fogo. Nós sabemos disso. E tu sabe, nós sabemos, o pessoal do BOE sabe, enfim. Mas eventualmente um que outro policial nunca passou por isso, porque ele nunca trabalhou nisso. Se tu pegar pessoas comuns, policial comum e colocar para trabalhar nisso dá problema. O cara tem que ser alguém assim ó... com um nível de disciplina intelectual muito grande. Não to dizendo disciplina intelectual... disciplina de operação. Senão o cara perde a cabeça. E ele tem que se sentir... ele tem que estar razoavelmente equipado para não se machucar e tem que ter treinamento. Tem que trabalhar junto e tal. Bom, enfim, mas voltando: esse pessoal aqui... qual era a orientação do pessoal pra Copa do Mundo e pra lidar com movimentos sociais? Cumprir as normas de uso progressivo da força. Conversa primeiro e diz "olha..."... se tu estabelece limite para as pessoas elas não vão fazer aquilo que tu não quer que faça. Se fizerem, bom, tu foi avisado. Então... evitar o máximo possível o confronto que pudesse redundar em feridos. O que que quer dizer isso? Até o equipamento que tu vai usar influi nisso. Nós sofremos... como é que eu vou chamar? Auditorias vamos dizer assim prévias. Ministério Público, órgãos vinculados... eu me lembro que o governo do estado na época criou o Gabinete de Crise para isso se não me falha a memória. Que tinha reunião assim coordenada pelo próprio governador. Que tinha reunião com os movimentos sociais e tal. E aí o pessoal disse "ah mas o pessoal não pode usar arma de fogo". Tinha uma questão envolvendo isso. Cara, tu não pode botar o policial na rua para trabalhar sem arma de fogo. O que tu tem que garantir é que ele não vai tirar uma arma e atirar em alguém numa circunstância dessa, porque esse pessoal que trabalha aqui no BEPE pode dar uma ocorrência grave e eles podem sair daqui e ter que atender um assalto a banco. Então como é que tu vai ir desarmado. O que tu tem que garantir acontecer... e felizmente tem isso... que essas pessoas aqui não usem errado a arma. Isso não é... isso dá trabalho, isso custa dinheiro, isso... tu seleciona até o tipo de pessoa. O cara que tem uma tendência assim a perder... o pavio curto não vai pra cá. Porque né? Tu não vai colocar alguém que tem pouca paciência para lidar com isso, sabe? Então embora a gente até tenha... a corporação... em geral os meios de... imprensa aí e tal... diga que o pessoal que trabalha nesses lugares é pavio curto é o contrário. É justamente o contrário, porque a gente procura selecionar... e quando acontece... eventualmente alguém vim ou se tornar... o cara... não é essa a ideia. Mas isso... resumindo, estabelecer o uso progressivo da força. Eu tive um exemplo... não sei se tu vai te lembrar... os movimentos sociais... black blocs na época e tal... não sei se black blocs é movimento social. Mas enfim, os caras... era cruel, cara. Os caras eram perigosos. Aí se juntaram na Praça Argentina, na frente da... do lado do Direito ali da UFRGS.

Tinha uma reunião ali. A gente sabia que ia ter uma reunião. Eles botaram em rede social e tal. Aí tá... a gente tinha uma determinação clara, oriunda do governo do estado. “Olha, os caras podem fazer o que quiser. Só aquele... o caminho que ligava o Glênio Peres até o estádio, que a prefeitura e o governo do Estado estabeleceram como caminho do gol... que as pessoas iam se divertindo e tal”. Não sei se tu chegou a acompanhar alguma vez ali. Foi muito legal. Ali era para evitar interrupções ali. Porque né, pode fazer o que quiser, mas ali não. Tá bom. Aí os caras se juntaram lá. Era ali que os caras queriam ir, né cara? Mas Porto Alegre é grande e qualquer manifestação que os caras fizessem no centro, se ela tivesse a intenção de ser pacífica... aí se juntaram na frente da Praça Argentina. Eu me lembro que eu... a gente chegou e foi a primeira assim grande. Desculpa. A Argentina foi a segunda. A primeira foi na frente da prefeitura. Eles se juntaram na frente da prefeitura. Que é do lado do Glênio Peres. Daí só... nós chegamos lá e estabelecemos a seguinte conversa com eles: “olha, a gente está aqui com o objetivo de fazer a segurança e tal. É meu dever avisar para vocês que vocês não podem interromper a passeata lá em direção ao estádio, muito menos promover quebra-quebra e tal. Se isso acontecer... vocês podem ficar aqui reunidos, podem caminhar...” a gente estabeleceu que se eles fizessem passeata podia ir pra onde quisesse e tal, a gente podia acompanhar. Mas assim, no momento em que alguma... que esse caminho que a gente devia manter livre for interrompido ou quebrar alguma coisa, terminou o negócio. Aí bom... aí nós vamos prender o autor e terminou a passeata. Os cara olharam... (sons) a gente tem que avisar entendeu? A gente sabe como é que funciona isso. Numa segunda oportunidade, na Praça Argentina, eles se reuniram com o firme propósito de interromper o lugar lá. Aí eu disse “olha, novamente a gente tem ordem para isso não acontecer. Se acontecer a gente vai ter que dispersar”. E a gente usou uma técnica diferente, porque dentro daquele espírito de evitar confronto, a gente tem... tem várias formas. Por exemplo, a gente evitava ao máximo usar projéteis de borracha, por exemplo. Que ele embora seja considerado recurso não letal é complicado. Nem o fabricante garante que não vai ferir alguém seriamente. Então até... os lugares que... hoje se usa muito mais agente químico de dispersão. Gás de pimenta, que o CS não pode usar. O CS esses... o chamado... o que as pessoas chama de gás lacrimogêneo, o antigo, é CS ICM. Se tu misturar com água, que a reação natural das pessoas é colocar água, piora. Então a gente deixou de usar isso. Hoje a gente usa um produto químico que é derivado da pimenta. Que casualmente a única coisa que, se tu quiser resolver, tem que colocar água. Então tu coloca água e passa. E ele não tem essa propriedade de produzir queimaduras e tal. Ele é só irritante. Ponto. Então evitar ao máximo o uso de projeteis de arremesso, que é um troço que tu não controla. No meio de um monte de gente, dali a pouco tu não controla a distância num confronto desse. Sabe, é difícil, num confronto de manifestação, tu controlar a distância. Porque as pessoas se aproximam de ti. E aí se tu der em cima tu vai ferir alguém sem querer. E isso a gente não quer né. Então nós não usamos nenhuma vez. Nunca usamos. O mais extremo que a gente usou foi nesse dia, na Praça Argentina, que a gente estabeleceu um limite: o pessoal fica aqui. Então antes, o que os caras faziam? Quando tu quer evitar... é uma coisa meio óbvia. Se tu tem... isso aqui é um bloqueio policial. Aqui estão os manifestantes. Tu não vai deixar chegar aqui para tomar uma providência. Tu faz o seguinte: primeiro tu te estabelece longe e coloca um limite: a gente colocou uma fita de... sabe assim fitas de isolamento? Fita amarelinha de isolamento? A gente botou uma fita assim uns 20 metros antes. E avisou os caras: “olha, não é pra romper esse negócio. Não precisa avisar. Se o cara vê uma fita ele... sabe? Qual era a instrução que a gente deu pro pessoal? “olha, pessoal, o seguinte: se eventualmente o pessoal quiser passar daqui e romper a gente usa bombas de efeito moral e joga nesse espaço vazio”. Que ninguém fica, né cara. Caramba, nós não tivemos problema. Para falar a verdade nesse dia uma pessoa se feriu, um repórter se feriu porque quando ele viu que o pessoal estava vindo para cá ele quis fazer um ângulo bom e cruzou esse

negócio aqui e acabou... uma das granadas explodiu perto dele e fez um corte na perna aqui. A gente socorreu ele. Era um cara do jornal de Brasília, eu acho. Um repórter de Brasília. A gente socorreu ele e tal. Não teve problema. Então esse foi o único dia. Nos outros dias a gente não teve problema. Porque buscou... a gente evitou até de usar aquele caminhão de água grande, porque o jato daquele negócio é.. tu tem que controlar bem... ele... também não é uma certeza de que tu não vai ferir alguém com aquilo se tu pegar muito de perto. Então a gente evitou de usar isso. O próprio governador disse "olha, vamos evitar isso...". E no final de contas nós trabalhamos pra sociedade. Tu não vai estar... sabe? O que pese os motivos de eventualmente algumas pessoas discordar que atrapalhar... seja legítimo. Eu tenho... tive e tenho restrições com relação a esse negócio de Copa, mas bom... que eu vou fazer né, cara? Já está feito, cara. Tudo o que tinha sido feito para não acontecer aí... e está aí o que aconteceu, ou seja, tudo o que eventualmente se previu... nós estamos no Brasil, né cara? Olha o que aconteceu com as obras. É óbvio que ia acontecer algo desse tamanho. Mas vai fazer o que?

P – E nesse contexto aí qual era o papel dessas tecnologias do centro? Eu lembro que o Fábio falava que ele como comandante ficava no centro. Qual que era o papel dessas tecnologias?

E – Cara, a gente usou assim ó... que eu me lembro nós usamos câmeras e... câmeras de visão noturna, nós usamos por exemplo... vou te dar um exemplo: a gente tinha... tem alguns tipos de munição, de granada química que ela explode e solta um marcador ultravioleta. Tu não tu enxerga. Então se tu quiser identificar alguém... um sujeito no meio... as pessoas se reúnem legitimamente e tal. Aí tem um "Fernando" lá e tal que resolve que vai fazer... jogar um molotov na polícia. Porra, para aí né cara? Daí tu identifica essa pessoa... tu usa um tipo de munição que identifica essa pessoa. Tem uma câmera no helicóptero que usa... que tem um espectro ultravioleta. Tu identifica... mesmo que ela saia dali, tu vai achar ela em qualquer lugar. Então é um exemplo. Tu evita por exemplo de ter que... se tem 50 pessoas aqui... de ter que brigar com 50 para pegar um. Tu pega só um. Deixa que se disperse. Esse cara aqui que fica cuidando de cima pega ele sozinho. Tu entende? É isso. Isso é um exemplo. As câmeras de observação em tempo real, que tinha... no helicóptero a gente tinha duas câmeras de.... são parecidas com essas câmeras que os cinematografistas usam para trabalhar em portátil com transmissão em tempo real até para fins de auditoria. Quando acontecer um problema, de dizer "olha, o que aconteceu porque... a versão daqui é uma, da imprensa é outra". Eventualmente cada um vê o fato de um jeito. Segundo a sua... o observador segundo as suas convicções. E aí a gente apresenta a imagem. "Olha, o que aconteceu foi isso aqui". Sabe? Então essas câmeras ajudaram muito até para mostrar para essas pessoas a nossa disposição: "olha, nós não estamos aqui para ferir ninguém. Nós não estamos aqui para impedir as pessoas de se manifestar. Muito pelo contrário. Só a gente não quer que eventualmente alguém aproveita isso aqui para fazer algo que fica ruim para todo mundo, né cara?". Que é tu depredar uma loja, jogar um objeto incendiário. O cara... é que eu não sei, cara. Eu acho que as pessoas eventualmente são muito engraçadas. Imagina o cara te jogar uma garrafa cheia de gasolina pegando fogo? Po, esse cara aqui... sabe? Nós estamos ali não é porque eu quero. É parte do nosso trabalho. "Ah, mas em tal lugar...". E cara, deixa eu te dizer: a gente conhece outros países. Tu vai na... eu acompanhei... nesse mesmo período em 2013 a minha filha estudou na França. Então a gente morou uma tempo lá. Numa manifestação... tinha uma manifestação lá na capital, Paris. Também era um grupo assim de umas 300 pessoas. Os policiais chegaram e foi... Paris tu pode fazer o que tu quiser. Faz o que tu quiser, entende? Tu te manifesta, fala de todo mundo. Mas tem um negócio que é sagrado lá, e os caras sabem, todo mundo sabe. No Champs-Elysees. Não. Aqui não. Se tu fizer uma manifestação lá é porque tu quer problema. Então os caras fizeram uma assim meio perto. Era uma manifestação, era um grupo de pessoas que estava se manifestando contra o Parlamento,

o presidente era o Hollande ainda. O parlamento tinha aprovado uma lei obrigando a guarda compartilhada dos pais. Então, antigamente por exemplo apenas o filho mais velho, se não me falha a memória, tinha obrigação legal para com os pais idosos. Aí fizeram uma lei que todos os filhos tinham que se envolver com guarda compartilhada se fosse o caso. Aí os caras se manifestaram contra. Tá bem. Aí estavam os caras se manifestando. Aí vieram os policiais, e o policial subiu numa caixinha assim que disse pros caras: "olha, é o seguinte... resumidamente...." eu parei e fiquei prestando atenção. Ele disse assim: "tá bem, tá tudo certo, mas é o seguinte: no Champs-Elysees não". O que vocês querem fazer? Para que lado vocês querem ir? Que nós vamos junto. Vamos ocupar um pedaço da rua, vamos interromper e tal e vamos onde vocês quiserem. Mas lá no Champs Elysees não. Senão eu vou dissolver a manifestação e vou prender todo mundo. Assim, resumindo, foi isso que ele disse. Então se o cara diz isso no Brasil os caras acham ruim, cara. Sabe? Na Inglaterra, cara na Inglaterra os caras são... não tem conversa... dependendo do tipo de manifestação não tem nem essa conversa. Os caras já prendem todo mundo e acabou. Tá, não é modelo. Tá bem. Também acho que não é. Tu tem que conversar, mas não é uma... eu acho que o imaginário das pessoas... agora é a minha opinião. Acho que eventualmente as pessoas acham que a gente tem prazer em estar ali reprimindo os outros. Não. Meu trabalho não é impedir as pessoas de se manifestar. Eu até acho que está tudo errado mesmo. Cá para nós, do jeito que está não pode ficar. Agora, eu acredito que as formas que às vezes as pessoas escolhem é que são... eu não vou te dizer equivocadas. É que às vezes os caras passam do limite. Por exemplo, "tá bem, quer interromper uma rua e tal?" Tudo bem, a gente negocia. Sai de casa e interrompe um pouco. Tá bom. Agora, não me joga um molotov. Para que isso, sabe? Para que jogar um foguete? Porra, os caras... a gente não sofreu... via de regra a gente não sofre danos ou ferimentos graves porque a gente tá equipado. Mas tu vê... os caras acertaram um cinegrafista lá no Rio de Janeiro. Mataram o cara. Aqui teve até um policial nosso do 9º que... uma pedra pegou meio de lado, o cara ficou todo errado e tal. Eu acho que as pessoas têm que entender que... algumas pessoas têm que entender que nós estamos ali para ajudar. Nós não estamos ali para... nós estamos representando todas as outras pessoas que não estão ali para impedir que eventualmente alguém daqui faça isso. É isso. Claro que tu vai encontrar gente que... erraram, com comportamento equivocado. Mas eu vou te dizer, cara: é minoria e não fica. Não fica. A gente não... não é esse o papel nosso. Mas enfim, né.

P – E uma dúvida que eu tenho também: você chegou a falar de uma manifestação que estava nas redes sociais. Como era também a utilização dessas outras tecnologias que não são parte de tecnologias da polícia, mas tecnologias como redes, sociais, Internet. Como vocês utilizavam assim?

E – Cara, é... a rede social hoje ela serve para te dar um "termômetro" só. Sabe? Tu... para tu não ser pego de surpresa. Então tu... é nossa obrigação por exemplo... tu... eventualmente tu não vai conseguir impedir que um grupo de pessoas se reúna num determinado lugar com determinado objetivo. Tu não tem como impedir isso, mas se um grupo de pessoas se organiza... claro que ninguém vai marcar pelo Facebook para roubar um banco. Isso eles não fazem ainda (risos). Não fazem. Mas tem outras práticas que por incrível que pareça os caras marcam pela... Facebook. Vou te dar um exemplo. Isso da rodoviária. Os caras marcavam "racha" em rodovia pelo Facebook. Po, como é que tu não vai ver isso? Tu tem que ver. Porque um "racha" numa rodovia... cada vez que dá um "racha" desses numa rodovia quando vê morre um que não tem nada que ver. Então a gente acompanhava grupos. Por exemplo, via de regra quem marca esses... no caso específico desse da rodoviária lá. São sempre os mesmos grupos, entendeu? Então tu acompanhava e diz "só um pouquinho... o que esses caras vão fazer esse final de semana?" Aí tem um grupo lá dos... sei lá... "Loucos não sei das quantas". Os caras marcavam

“racha” na rodovia às 3hs da manhã pelo Facebook. Aí tu está ali. Não pode dizer que tu não sabia. Tu tem que estar lá para impedir, porque os caras... uma corrida dessas que dê errado... o mínimo que vai acontecer é que alguém que tá ali envolvido vai se machucar. Ou morrer. Que os caras passam do limite. E o movimento social... esse acompanhamento... não vamos chamar de monitoramento, porque a gente não acompanha em tempo real. Não tem estrutura para fazer isso. Mas sempre que existe a possibilidade de um grupo de pessoas se reunir com um propósito que possa... outros possam usar para outros fins, a gente acaba sabendo, porque tu sabe. Eu até te confesso que eu não sei. Eu não tenho Facebook. Eu fiz um Facebook para falar coma Fernanda quando estava lá... minha filha. Para falar com ela quando eu estava aqui e ela estava lá. E tinha 0 amigos. Era só eu e ela. Então não tenho, cara. Não tenho tempo para esse negócio aí. Mas eu sei que determinados grupos têm... marcam ali e tal. Então tu fica sabendo “olha, os caras vão se juntar para fazer o ‘racha’ em tal lugar, os caras vão se juntar no posto de gasolina para encher a cara na beira da rodovia, os caras vão se juntar... um grupo de manifestantes não pacíficos [ênfase no “não pacíficos”] vão se juntar em tal lugar. Para que?” Já dá para ficar sabendo. Pelo menos deixar alguém... deixar essa turma aqui pelo menos avisada. Para não ser pego de surpresa. Então dependendo do tipo, do número de pessoas, do lugar e da intenção, quando tu chegar já tá... enfim.”

P – E vocês tinham assim, por exemplo, manifestantes específicos... além de grupos... “tal manifestante” que vocês encontravam algum tipo de vinculação com Black Blocs enfim... de mapear perfis específicos de manifestantes?

E – Cara, isso assim: isso o setor de inteligência... é a mesma coisa daquilo que eu te falei das pessoas contumazes... tu sabe. Tu sabe... se o sujeito jogou molotov uma vez foi preso. Respondeu lá não sei que. Está solto de novo. O cara está ali... ele não foi me entregar uma flor, né? Então, porra, no mínimo tu fica cuidando. Tu sabe que ele está ali. É importante saber que o cara está ali, até porque eventualmente esse cara não foi convidado. Eu duvido que tu convide alguém para participar de uma reunião na tua casa um sujeito que né? Só que é púbico, está na rua. Tu não tem... essas pessoas não controlam quem vai ali eventualmente. E eventualmente, pelo que eu pude observar, na maioria das vezes, não é essa a intenção. Só que os caras se aproveitam. Daí tu... é teu dever saber que os caras estão lá. Até para avisar os caras “olha, aqui tem fulano”. A resposta é sempre objetiva “olha, a gente não controla”. Realmente. Então tá. Então está bem. Não foi convidado. Não foi tu que convidou? Tá bom. Já que tu não vai cuidar, então eu que vou cuidar então. Para evitar que os caras aproveitem isso aqui, que eventualmente se separe daqui, que era o que normalmente acontecia, para dar má fama a esse outro. Porque a opinião pública vai botar a culpa nesses aqui depois. Tu sabe disso né? Esses aqui fazem errado e quem leva a culpa são esses aqui. E duvido que alguém se reúna aqui para tomar esse tipo de culpa. Ninguém faz isso. Ninguém faz isso.

P – E agora pensando nisso, tudo o que você falou, da questão da tecnologia e do uso da tecnologia em manifestações também... o que o Fábio me falou é que ele vê uma certa mudança no padrão, no modelo de policiamento a movimentos sociais em função das tecnologias. Você consegue identificar uma transformação? Até por esse seu histórico de já ter acompanhado desde o começo dos anos 2000. Alguma mudança ou transformação nesse tipo de relação?

E – Deixa eu te dizer uma coisa: isso é muito mais... Eduardo, minha opinião é a seguinte em relação a isso: as pessoas mudaram nesse sentido muito mais em função do meio ambiente social mesmo. A gente passou a ter... eu volto a dizer: eventualmente nós temos excessos aqui e aqui. Nós temos excessos dos dois lados. Mas a média ela não é assim. A média dos nossos policiais são pessoas normais. É um cara normal. É uma pessoa normal. Que escolheu essa

profissão porque ela tem um monte de vantagem em relação a outras. A primeira é que tu te sente útil. Ponto. Todo mundo se sente um pouco útil. Tá bom. No teu trabalho tu estás estudando porque tu quer entender... um exemplo né: quer entender melhor as relações entre as pessoas para ajudar isso. A gente trabalha com isso. E vou te dizer: não tem nada pior do que eventualmente tu sofrer ingratidão pelas pessoas. Bah, é um negócio muito grave. Ou as pessoas imaginarem que tu está ali só com o intuito de reprimir ou de bater ou de... não. Não. Não. E o uso... a polícia com o passar do tempo ela mudou no Brasil... a gente mudou o nosso foco de trabalho em função da evolução social. Em função da mudança do papel que a polícia teve em relação à sociedade. Vamos lá: o modelo de polícia brasileira é o modelo de polícia francesa. Eu não sei se tu estudou isso, mas enfim. O modelo da polícia brasileira é o modelo da polícia francesa. Ele veio com a coroa portuguesa e depois, quando a monarquia manteve esse modelo pelas sucessivas repúblicas e teve a... a pior mudança que a gente teve passou... e isso é minha opinião... a pior mudança que a gente passou foi quando o Regime de 64, no Golpe de 64, porque as polícias brasileiras elas sempre foram... vamos chamar de "mini-exércitos estaduais". Elas eram autônomas. O governador... elas são subordinadas ao governador diretamente no que tange à parte administrativa é operacional. É vinculada ao poder executivo e o comandante-chefe. O comandante... a Brigada tem um comandante-Geral que é um oficial da Brigada. Acima dele só o governador. Então o governador do Estado ele é o comandante da Brigada. De fato ele é o comandante da Brigada. Quem decide se um... a palavra final no processo de exclusão, por exemplo, de um policial militar, seja ele oficial ou praça, é do governador. É ele que emite um parecer contra ou a favor. Tá, o comandante recomenda, mas é ele que diz que sim ou que não. Enfim, então as polícias elas deixaram de ser... elas sempre foram muito locais. Então São Paulo tinha uma... um tipo de... não chamar de ideologia... de modus operandi para trabalhar. O Rio tinha outro, o Rio Grande do Sul tinha outro, Santa Catarina tinha outro. E ele era muito... ele não era... ele era muito local. Ele sofria todas as influências da política local. Então por exemplo nós chegamos ao ponto de entrar em Revolução Federalista... de entrar em briga interna de uma polícia contra a outra. Contra o exército e tal. Quando deu o regime de exceção de 64 o que aconteceu? O exército brasileiro precisava evitar essas... eu estou só reproduzindo a época né... precisava evitar essas diferenças de opinião. E doutrinariamente ele unificou o tipo de pensamento das polícias. Muito mais para ações assim de contrarrevolução interna. Porque bom, os caras.. chegou um certo ponto em que as pessoas resolveram pegar em armas. Não foram muitas, mas pegaram. O exército... tirando as exceções, quem o Estado brasileiro usou para combater isso foram as polícias. Não foi o exército brasileiro. O exército entrava quando precisava de muita gente ou muito equipamento. E via de regra quem trabalhou com isso foram essas polícias civis. Então essa.. como o meio da época, digamos assim, se procurava preservar a ordem do Estado, a polícia reproduziu isso. A partir de 88 a gente... a Constituição mudou, as pessoas mudaram. Para que que uma polícia serve? A polícia ostensiva é pra proteção do cidadão. Ponto. Ninguém está acima da lei. Então o Ministério Público, a Polícia Civil, a Brigada Militar, os órgãos todos se deram conta do seu papel dentro da sociedade, que é trabalhar pro cumprimento das leis pro cidadão, e não pro Estado. Porque eventualmente o Estado, para não dizer constantemente, o Estado não leva muito em consideração os direitos do cidadão. Nós temos, até pouco tempo nós não tínhamos Código de Defesa do Consumidor, não tínhamos Estatuto da Criança e do Adolescente, não tinha Estatuto do Idoso, não tinha Lei Maria da Penha, por que? Porque te vira. AS pessoas não tinham uma proteção social muito definida. A gente entrou nessa mudança... ela foi em função das pessoas. Porque as pessoas foram... mudou a geração, mudou o pensamento, ainda hoje eventualmente tu encontra em alguns lugares alguém que pensa diferente, mas eu vou te dizer que é minoria. E cada vez menos minoria. A gente procura sempre... hoje é curricular. Todos os cursos de formação e de especialização

interna da corporação tem direitos humanos daqui até aqui. Tem sociologia daqui até aqui. Isso em na década de 80 não tinha. Quando eu e o Fábio fomos alunos, quando entramos na Brigada, não tinha aula de sociologia, entendeu? Era basicamente conteúdos de Direito e administração, que são importantes. Aliás administração talvez seja o conteúdo mais importante. Mas hoje ninguém deixa de ter notícias e conhecimentos formais de sociologia, de formação da sociedade, de história, porque tu tem que entender para quem é que tu trabalha. Ah mas tu encontra pessoas que pensam diferente ou que acham que não, que o Estado é negligente com tudo, por que eu "eu tenho que?" Se o Estado negligencia, por que que eu tenho que ser bom? Não, não dá para pensar assim. Se tu achar que... a gente... vou te dar a ideia... 40% dos nossos atendimentos que a gente intervém são... é uma ocorrência que tem um sinal, chama 44. É assistência. É tu pegar alguém que está... um mendigo que vai morrer de frio e largar ele no hospital. E cara, se a gente não fizer, as pessoas não atendem. Se tu não chegar... se tu não pegar alguém que tu está vendo que vai morrer de frio. Se tu não pegar essa pessoa, tirar dali, botar dentro de uma viatura e levar pro hospital, ele vai morrer. Porque se ele chegar por conta própria não vai ser atendido. Nós estamos no Brasil. Então tu tem que chegar lá e impor. Nós temos casos assim até de atritos entre nós e serviços de emergência e tal... o cara diz "por que tu vai deixar o sujeito morrer no meio da rua?" Não vai né? Ah "mas não sei o que. O problema é teu". Mas enfim...

P – E você acha que a tecnologia tem um papel importante assim dessa... acho que talvez você está falando de uma transformação no pensamento da polícia?

E – Deixa eu te dizer: a gente usa a tecnologia... as tecnologias que a gente tem, Eduardo, elas são via de regra como aplicativos de trabalho. Vou te dar um exemplo: na polícia Rodoviária a gente vai implementar agora o auto de infração eletrônico. Que tu não precisa preencher o papel, né. Essas ferramentas de identificação, por exemplo, de suspeitos elas te ajudam a formular um consenso e um perfil de suspeitos para tu não abordar indiscriminadamente as pessoas. Uma vez... eu acabei de me lembrar... eu estava no centro de operações e o comandante era o coronel Mendes. E ele me ligou e me disse assim: "Fernando, eu tenho uma..." ele tinha uma audiência pública lá na Comissão de Serviço Público da Assembleia. E tinha um deputado que disse que a Brigada só prendia negro. "Ah vocês só prendem... a maioria que vocês prendem é negro". Ele disse "tu tem como descobrir se é verdade isso?". Eu disse "olha, eu vou olhar no sistema aqui, mas eu acho que sim". Porque era... o sistema... esse aplicativo ele é uma máscara do banco de dados. Ele é uma organização de um monte de dados. E lá eu tinha acesso a esse sistema e à base de dados. Então através de um programa de rastreamento de informações você conseguia tirar qualquer informação. "Mas qual é a informação que o senhor quer saber?" Eu me lembro que foi assim: quase 80% das pessoas que a gente prendia e conduzia são brancos. Então, "Coronel, é o seguinte: eu não sei o que o cara falou; agora isso não é verdade. Mais de 80% das pessoas que a gente detém e conduz pra delegacia são brancos. Ou se dizentes brancos. Sei lá. É que a pessoa que declara né. Então não é verdade. Tu dizer que a gente...". Entra um... exemplo: então esse tipo de informação, esse tipo de coisa ajuda a tu... quando tu cria um perfil de suspeito... e vou te dizer: hoje furto e roubo de veículo, furto e roubo de banco e tal... o perfil ele mudou radicalmente nos últimos 10 anos. O cara que vai roubar teu carro ele não vem... tu olha para ele e ele está de terno. Quando vê ele está em cima com uma arma. Então essa mudança que no passado dizia que a pessoa que é pobre, mal vestido e não sei o que é suspeito hoje não tem. Porque tu não sabe quem é suspeito. Essa tecnologia ajuda a definir quem é suspeito.

P – Sim, acaba tendo dados para comprovar...

E – E pra comprovar para dizer “olha, vocês...” né quando a gente dá aula diz assim oh: “o suspeito clássico... Que que é suspeito para a gente? A gente pergunta o que que é suspeito pra gente”. Pergunto para alguém que entrou pouco tempo nisso. Aí o cara não sabe. “ah, suspeito é alguém que tem o comportamento anormal em função do lugar onde tu está”. Agora se tu te basear no fato de que alguém eventualmente é mal vestido ou pela cor da pele ou está mal vestido e tal ele é suspeito... nem sempre é verdadeiro, porque o cara que rouba carro, o carro que rouba banco, que explode banco... ele não anda mal vestido. Não é pobre. E é muito mais violento que o criminoso clássico que a gente define assim. A própria imprensa gosta de definir como sendo o pequeno traficante de vila e tal... dizer. Cara, não tem nada mais falso que dizer que a polícia prende só pobre e... não. Não. Claro que eventualmente tu consegue provas mais fáceis, porque tu pega o cara na hora. Mas a imensa maioria das pessoas que respondem a processo e tal não é esse perfil mais. Realmente não é. Isso ajuda viu. Que o que me ocorre assim agora para definir algo que ajude é isso: a definição do perfil. A definição de por exemplo como são os crimes. Uma análise de... um exemplo. Quer ver? Outro exemplo: nós temos um oficial que fez Mestrado no Porto. Ele estudou os homicídios. Fez uma.. a tese de mestrado dele foi sobre os homicídios no Rio Grande do Sul no ano de 2 mil... estava no CIOSP. Foi 2007. Ele pegou... perdão... os homicídios em Porto Alegre. Ele pegou todas as ocorrências de homicídio em Porto Alegre. Todas. E leu uma por uma. Fez um qualitativo uma por uma. E ele chegou... com base nisso ele tabulou dados. Eu não me lembro assim exato, mas assim... mais de 80% dos casos, quase 90 de homicídio a vítima e o autor se conheciam. E o crime se deu... eu não me lembro o percentual, mas foi altíssimo também... o crime se deu fora de uma via pública. Então como é que tu vai evitar um negócio desse? Policiamento não evita homicídio. Se eu botar na minha cabeça que vou matar alguém eu vou matar. A polícia não vai impedir. Primeiro tu tem acesso à casa porque é conhecido. E depois você vai fazer dentro de casa, onde a gente não está. A polícia não é onipresente. Não tem como. Nós não temos como ser onipresentes. Não tem polícia nenhuma que seja onipresente. O que melhora o estado de segurança pública numa sociedade é um bom convívio social, e não polícia. Nós vamos ter metade da população cuidando da outra metade? Acho que não é por aí (risos). Eu pelo menos acho que não seja assim. Ou não deveria ser, enfim. E a perspectiva futura, no caso da polícia ostensiva e da polícia civil também, é a melhoria da condição do policial em si. O que é a melhoria da condição? Por exemplo, é claro que isso não é garantia. Não é garantia de nada, porque... enfim. Tem gente que tem título de graduação, e o cara é... você sabe. Aliás usa aquilo até para radicalizar ainda mais as suas posições equivocadas na maioria das vezes. Não é garantia... o nível de ensino que tu vai ter uma pessoa melhor. Está bom, mas é um bom indicador. A polícia civil... todo policial tem curso superior. Então isso ajuda. Vamos combinar que ajuda, né? A brigada e os oficias todos já entram com... é obrigatório entrar com o curso de direito. Para a transformação... está em estudo a transformação para talvez exigir o curso de nível superior para o ingresso na carreira de policial. Mas para isso precisar melhor um pouco os salários, porque senão o cara não vai vim, né. A polícia civil fez isso. Mas é que a polícia civil é uma polícia menor. São só 5 mil, vamos dizer assim. A Brigada tem 20 mil e poucos. Então é mais complicado. Quando você vai falar em orçamento, aí vai ser mais complicado.